

## **GESTAÇÃO DE SUBSTITUIÇÃO: A FAMÍLIA NOS DISCURSOS DA MÍDIA ESCRITA BRASILEIRA**

Kelly Ribeiro de Freitas<sup>1</sup>   
Maria Henriqueta Luce Kruse<sup>1</sup> 

<sup>1</sup>Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

### **RESUMO**

**Objetivo:** compreender as diferentes posições de sujeito atribuídas à família no processo de gestação de substituição.

**Método:** pesquisa qualitativa, do tipo estudo documental com base nos Estudos Culturais, na vertente pós-estruturalista, fundamentada nas ferramentas de discurso e enunciado de Michel Foucault. Para tanto, foram analisados discursos publicados na mídia escrita brasileira, entre setembro e dezembro no ano de 2016, sobre sujeitos que vivenciaram a gestação de substituição.

**Resultados:** os discursos apontam que os pais biológicos devem acompanhar e controlar a gestação. Destacam que os cuidados com o bebê, especialmente o aleitamento materno, devem ser acompanhados pelo pai e realizados pela mãe biológica. Outro apontamento, é que tal tecnologia possibilita vivenciar a posição de pai e mãe constituídos culturalmente aos sujeitos que desejam ter filhos. Os discursos reforçam papéis distintos para pai e mãe biológicos e mães substitutas, apresentados como felizes com essa formação familiar. Os enunciados dividem, distribuem e ordenam os papéis da maternidade entre as duas mães visando naturalizar a gestação de substituição. Para tanto, reforçam os discursos sobre aleitamento materno e enfatizam a medicalização do corpo feminino na gestação de substituição.

**Conclusão:** os discursos reconhecem a gestação de substituição foi reconhecida como forma distinta de concepção, mas reforçam que não acarreta em outra forma distinta de maternidade. As mídias se ocupam em demonstrar os rituais que auxiliam na constituição de sujeitos maternos e paternos, para ensinar modos de viver essa gestação. Portanto, vivenciar a gestação de substituição é uma das possibilidades de constituir família.

**DESCRIPTORIOS:** Enfermagem materno-infantil. Identidade de gênero. Mães substitutas. Poder familiar. Relações familiares. Saúde da mulher.

**COMO CITAR:** Viana KRF, Kruse MHL. Gestação de substituição: a família nos discursos da mídia escrita brasileira. *Texto Contexto Enferm* [Internet]. 2019 [acesso MÊS ANO DIA]; 28: e20180209. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2018-0209>

## SUBSTITUTION GESTATION: THE FAMILY IN THE DISCUSSIONS OF THE BRAZILIAN WRITTEN MEDIA

### ABSTRACT

**Objective:** to understand the different positions of the subject attributed to the family in the substitution gestation process.

**Method:** documentary-type qualitative research, based on Cultural Studies, in the post-structuralism field, based on Michel Foucault's discourse and statement tools. For such, there were analyzed discourses published in the Brazilian written media, between September and December in the year 2016, on subjects who experienced the substitution gestation.

**Results:** the speeches point out that the biological parents should monitor and control gestation. They emphasize that the cares with the baby, especially maternal breastfeeding, must be accompanied by the father and realized by the biological mother. Another point is that such technology makes it possible to experience the position of culturally constituted father and mother for the subjects who wish to have children. The discourses reinforce distinct roles for biological father and mother and surrogate mothers, presented as happy with this family formation. The statements divide, distribute and order the roles of motherhood between the two mothers in order to naturalize the substitution gestation. To this end, they reinforce the discourses on maternal breastfeeding and emphasize the medicalization of the female body in the substitution gestation.

**Conclusion:** the substitution gestation was recognized as a distinct conception form, but reinforce that it does not entail another maternity form. The media are concerned with demonstrating the rituals that assist in the constitution of maternal and paternal subjects, in order to teach ways of living this gestation. Therefore, experiencing the substitution gestation is one of the possibilities for constituting a family.

**DESCRIPTORS:** Maternal-child Nursing. Gender identity. Surrogate mothers. Parenting. Family relations. Woman's health.

## GESTACIÓN POR SUSTITUCIÓN: LA FAMILIA EN LOS DISCURSOS DE LOS MEDIOS DE COMUNICACIÓN ESCRITOS BRASILEÑOS

### RESUMEN

**Objetivo:** comprender las diferentes posiciones de sujetos atribuidas a la familia en el proceso de gestación por sustitución.

**Método:** estudio cualitativo, tipo documental, con base en los Estudios Culturales, en la vertiente posestructuralista, fundamentada en las herramientas de discurso y anunciado por Michel Foucault. Para ello, se analizaron discursos publicados en los medios de comunicación escritos de Brasil, entre septiembre y diciembre de 2016, respecto a sujetos que vivenciaron la gestación por sustitución.

**Resultados:** los discursos señalan que los padres biológicos deben acompañar y controlar la gestación. Además, se resalta que los cuidados con el bebé, en especial la lactancia materna, deben ser asistidos por el padre y realizados por la madre biológica. Otra cuestión es que tal tecnología permite vivenciar la posición del padre y de la madre, constituidos culturalmente a los sujetos que desean tener hijos. Los discursos refuerzan diferentes roles para el padre y la madre biológicos y las madres por sustitución, presentados como felices con esta formación familiar. Los enunciados dividen, distribuyen y orden los roles de la maternidad entre ambas madres, con el objetivo de naturalizar la gestación por sustitución. Por lo tanto, se refuerzan los discursos sobre la lactancia materna y se enfatiza la medicalización del cuerpo femenino en la gestación por sustitución.

**Conclusión:** la gestación por sustitución fue reconocida como una forma distinta de concebir, pero hacen hincapié en que no conduce a otra forma distinta de la maternidad. Los medios de comunicación se ocupan en demostrar los rituales que auxilian en la constitución de sujetos maternos y paternos, para enseñar los modos de vivir de esta gestación. Por ende, vivenciar la gestación por sustitución es una de las posibilidades de constituirse una familia.

**DESCRIPTORES:** Enfermería maternoinfantil. Identidad de género. Madres sustitutas. Responsabilidad parental. Relaciones familiares. Salud de la mujer.

## INTRODUÇÃO

Vivemos em um tempo em que a maternidade vem sendo discutida, questionada, (re)organizada em diferentes contextos e situações, especialmente, nos textos e imagens das mídias. Porém, afirmações como “família completa só com filhos”, “mãe é uma só”, “mulher tem tripla jornada”, “mãe que é mãe amamenta” são aceitas e repetidas por nós, sobre nós, de maneira naturalizada. Os avanços da tecnologia têm possibilitado que mulheres que, por algum motivo, não conseguem gestar tenham filhos. Tal fato vem produzindo outros modos de ser família, mãe e pai. (Re)inventar essa instituição desacomoda e coloca em risco a organização política e socioeconômica em que vivemos, já que, especialmente sobre as mulheres, pairam responsabilidades como a sobrevivência, a perpetuação da espécie e o futuro da “raça” humana no planeta. Assim o corpo feminino, devido a sua propriedade reprodutiva (gestação, parição e lactação), foi significado culturalmente como responsável pelos cuidados da educação, alimentação, higiene e cuidados básicos das crianças, sendo que os pais deveriam se responsabilizar por prover renda à família. Com isso, os papéis sociais são bem divididos, sendo à maternidade atribuído um caráter doméstico e à paternidade um caráter público.<sup>1</sup>

Uma das possibilidades que a tecnologia proporcionou foi a gestação de substituição. Esse processo, popularmente conhecido como barriga de aluguel ou barriga solidária, é uma técnica de reprodução assistida de implantação do material genético de um casal - idealizador da família - no útero de outrem, que irá levar a gestação a termo.<sup>2</sup> Tais procedimentos podem ser realizados por casais heteroafetivos ou homoafetivos e por solteiros(as): mulheres e homens que por algum motivo não puderam, mas desejam ter filho biológico.<sup>3</sup> A biologia e a genética tornaram possíveis a formação familiar com filhos genéticos para pessoas inférteis, essas áreas de saber produzem tecnologias de vida que envolvem uma série de disputas políticas que se entrelaçam com uma economia de vida, buscando controlar e gerenciar processos vitais do corpo e da mente.<sup>4</sup> Assim, a gestação de substituição propõe nova organização familiar durante o processo pré-gestacional, gestacional e puerperal aos homens e às mulheres.

Tendo em vista sua interface com a assistência de enfermagem e a saúde da mulher, começamos a pesquisar e ler sobre gestação de substituição. A partir disso, conhecemos narrativas de mulheres que desejavam vivenciar a maternidade e tiveram suas histórias publicadas em jornais, revistas e livros.<sup>5-6</sup> Tais mídias destacavam, principalmente, a importância da maternidade por meio do aleitamento materno, cuidados com o bebê e manutenção da herança genética dos descendentes.

Percebendo que tal procedimento poderia (re)significar a maternidade e mesmo (re)configurar a família que vive essa experiência, decidimos analisar os discursos das mídias escritas observando as diferentes posições de sujeito atribuídas aos participantes do processo de gestação de substituição, bem como os sentidos produzidos pelas matérias publicadas.

Acreditamos que o universo midiático pode ser pensado a partir de seu caráter pedagógico, porque seus discursos são endereçados a determinado público, sendo acionadas diferentes estratégias para interpelar as pessoas.<sup>7</sup> A mídia é espaço de circulação de saberes e conhecimento, através de determinadas técnicas que estabelecem jogos de poder pelos quais estamos sempre sendo capturados.<sup>8</sup> O poder não é da mídia - como detentora manifesta das versões escolhidas ou dotadas de intenção lógica e clara -, mas é exercido e regulado por forças ideológicas que são, antes, políticas, econômicas e sociais.<sup>9</sup>

Para analisar os discursos, formulamos as seguintes questões de pesquisa: como os discursos da mídia constroem significados à gestação de substituição? Como tais discursos atribuem posições à família que participa desse processo? Para responder às questões, realizamos análise dos discursos veiculados em jornais, livros e revistas sobre gestação de substituição, visando conhecer o que vem

sendo ensinado por tais mídias aos leitores sobre esse tema. Assim, estudamos as mídias no sentido de compreender as diferentes posições de sujeito atribuídas à família no processo de gestação de substituição.

Diante disso, achamos importante destacar que não estamos julgando tal prática ou mulheres e homens que participam da gestação de substituição, nem categorizando as mulheres que participam desse processo. Por isso, para além de questionar, desacomodar, colocar sob análise a gestação de substituição e as práticas de maternidade, nos colocamos na posição de cuidadoras dessas famílias para analisar as possibilidades e efeitos da tecnologia sobre o corpo feminino e a vida de mulheres e homens que vivem essa experiência.

## MÉTODO

Foi realizada pesquisa documental, de abordagem qualitativa, inspirada no Estudos Culturais, em sua vertente pós-estruturalista, especialmente em ideias de Michel Foucault. O objeto de análise são discursos sobre gestação de substituição veiculados na mídia escrita brasileira.

Os Estudos Culturais compreendem a cultura e suas expressões como forma de vida, preocupam-se em mostrar como as mídias podem educar e produzir comportamento. “Acreditamos que é na mídia que as coisas mais aparecem e circulam. Assim, aquilo que somos é também fruto das interpelações que os meios de comunicação nos fazem. Ao pensar na mídia como um lugar onde o poder se exerce, lembramos que ela também pode ser tratada como uma instância que pratica a chamada pedagogia cultural, já que sabemos que o ato de ensinar não se limita à escola.”<sup>7:102</sup>

De acordo com Michel Foucault, “a produção do discurso é, ao mesmo tempo, controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade”.<sup>10:8-9</sup>

Para a análise dos discursos, utilizamos as ferramentas foucaultianas de discurso e enunciado que nos orientaram na direção de entender as posições ocupadas por homens e mulheres que desejam ter filhos. Em relação aos enunciados, procuramos determinar suas condições de existência, fixar seus limites, para estabelecer correlações com outros enunciados a que estão ligados, evidenciando também aquilo que excluem.<sup>11</sup> Assim, “o enunciado pertence a uma formação discursiva, como uma frase pertence a um texto, e uma proposição a um conjunto dedutivo”.<sup>8:31</sup>

O primeiro lugar em que buscamos informações foi na ferramenta de busca *Google* definindo como palavras-chave “barriga de aluguel”, “barriga solidária”, “cessão temporária de útero”, “útero de substituição” e “gestação de substituição”. Como critério de inclusão, optamos, somente, por mídias escritas que contassem histórias de pessoas que participaram de tal processo.

Ao realizar essa busca nos jornais, percebemos que o termo “barriga de aluguel” tem diferentes significados. Ele tem sido utilizado tanto no meio político como no esportivo, no futebol. Na política, refere-se a manobras eleitoreiras em que um candidato detentor de grande fortuna patrocina outro candidato com alta popularidade que, depois de eleito, afasta-se do cargo para o financiador ocupá-lo. No futebol, “barriga de aluguel” é usado para designar times de futebol “menores” que recebem jogadores que não são aproveitados em times “maiores” para ganhar mais experiência e depois serem vendidos. Tais reportagens aparecem frequentemente em buscas utilizando as palavras-chave “barriga de aluguel”. Em função disso o número destas foi reduzido sobremaneira.

Ao digitar o termo “barriga solidária”, no Google, chegamos à reportagem do jornal Zero Hora que contava a história de duas mulheres. Ao ler esta reportagem, nos interessamos pela vivência dessas mulheres e pelo modo da mídia contar essa história. A partir disso, pensamos em buscar histórias em jornais de grande circulação no Brasil.

---

\* Inicialmente, foi acessado o link <https://www.facebook.com/Barriga-Solid%C3%A1ria-Uma-chance-de-Expandir-oAMOR-pelo-AMOR-25496294172458/> para então a localizar a reportagem jornal Zero Hora.

Na busca de reportagens sobre gestação de substituição, realizamos uma pesquisa nos jornais Folha de São Paulo e Zero Hora. No primeiro foram encontradas 1.038 reportagens, sendo selecionadas três reportagens que se referiam a um caso ocorrido na cidade de Franca em São Paulo. No jornal Zero Hora, foram encontradas 120 reportagens, dentre as quais foi selecionada uma reportagem cujo título é “Barriga Solidária de Porto Alegre permite que pernambucana realize desejo de ser mãe”.

Tais mídias nos remeteram a outros três artefatos midiáticos. O primeiro foi uma série de cinco reportagens da edição conjunta dos jornais Correio de Gravataí e Diário de Cachoeirinha, entre os meses de março e abril de 2016. O segundo foi o livro *Gerando amor*,<sup>6</sup> em que um casal de gaúchos conta sua história de gestação de substituição nos Estados Unidos. E o terceiro, foi a reportagem da revista Marie Claire de 2016 sobre o livro *Minhas duas meninas* da jornalista Tetê Ribeiro<sup>5</sup> que conta sua história sobre barriga de aluguel na Índia. Tal reportagem nos levou ao livro que foi incluído no corpus de análise.

Realizamos um mapeamento discursivo dessas mídias escritas que apresentaram histórias de pessoas que vivenciaram a gestação de substituição. A busca foi realizada entre janeiro a dezembro de 2016 e a análise ocorreu entre setembro de 2016 a abril de 2017. Para a análise, organizamos e codificamos os artefatos midiáticos com sigla ME e a numeração seguiu a ordem cronológica de publicação, conforme quadro 1:

**Quadro 1 – Códigos das mídias escritas (ME)**

<b>Mídia Escrita</b>	<b>Código</b>
Folha de São Paulo: “Barriga de aluguel”, avó vai dar à luz a neta na cidade de Franca (SP) (28/09/2010) <sup>12</sup>	ME1
Folha de São Paulo: “Minha mãe me deu a vida duas vezes”, diz mãe de menina gestada pela avó (29/09/2010) <sup>13</sup>	ME2
Folha de São Paulo: Avó que gerou a própria neta recebe alta (01/10/2010) <sup>14</sup>	ME3
Zero Hora: Barriga solidária de Porto Alegre permite que pernambucana realize desejo de ser mãe (23/09/2015) <sup>15</sup>	ME4
Livro: <i>Gerando amor</i> (2015) <sup>16</sup>	ME5
Correio de Gravataí e Diário de Cachoeirinha: Lavínia, o nome do amor (28/03/2016) <sup>17</sup>	ME6
Correio de Gravataí e Diário de Cachoeirinha: Como tudo se tornou possível (29/03/2016) <sup>18</sup>	ME7
Correio de Gravataí e Diário de Cachoeirinha: Todos na espera da Lavínia (30/03/2016) <sup>19</sup>	ME8
Correio de Gravataí e Diário de Cachoeirinha: Ela está quase chegando (31/03/2016) <sup>20</sup>	ME9
Correio de Gravataí e Diário de Cachoeirinha: Da fada-madrinha para a mãe: nasce a Lavínia (08-09/04/2016) <sup>21</sup>	ME10
Revista Marie Claire: Gravidez sem barriga: a saga de uma brasileira cujas filhas biológicas nasceram na Índia (28/05/2016) <sup>5</sup>	ME11
O Globo: Casal de homens terá filho gerado pela mãe de um deles (05/06/2016) <sup>6</sup>	ME12
Livro: <i>Minhas duas meninas</i> (2016) <sup>22</sup>	ME13

Destacamos que os aspectos éticos relacionados ao uso das imagens neste trabalho estão de acordo com a Lei nº 9.610/1998, que trata dos direitos autorais.<sup>23</sup> A utilização de tais imagens de domínio público está assegurada, especialmente, nas afirmações do artigo 46, capítulo IV, incisos I e III, em que é destacada a importância da citação do autor e da origem da obra.

## RESULTADOS

As mídias escritas referem a gestação de substituição como última alternativa para se formar uma família com filhos, já que apontam como primeira opção a adoção. Tais artefatos midiáticos demonstram que os casais optaram por essa nova modalidade de constituição familiar quando nada mais era possível, conforme observamos nos enunciados:

*Após dois abortos, a publicitária [Gabriela] e o marido, Eduardo Breckenfeld, 38 anos, decidiram recorrer à adoção. Amigos e conhecidos ficaram sabendo do propósito e, querendo ajudar, começaram a trazer propostas de mães que queriam doar os filhos. Gabriela chegou a cogitar agir contra a lei... Descobrir que a chegada de uma criança com o perfil pretendido poderia levar quase cinco anos abalou a esperança dos futuros pais (ME4).<sup>15</sup>*

*Procedimentos realizados, embrião colocado e nova decepção. Vanessa [mãe biológica] não engravidou. Uma segunda tentativa foi realizada. Mais uma vez a gestação não se confirmou. Restavam apenas dois embriões e as chances de concretizar a gravidez eram ainda menores, o que deixou o casal receoso (ME7).<sup>18</sup>*

*Depois de uma jornada de sete anos de tratamentos para engravidar e já na fila de adoção, ela [Tetê Ribeiro] e o marido, o jornalista Sérgio Dávila, haviam feito uma última tentativa de ter um bebê geneticamente. E vieram logo dois, ou melhor, duas [...] Depois de esgotadas as alternativas possíveis para nos tornarmos pais, incluindo a fila interminável de espera de adoção, recorreremos ao desconhecido universo das barrigas de aluguel (ME11).<sup>5</sup>*

As mídias utilizam táticas e estratégias para contar as histórias das pessoas que vivenciaram a gestação de substituição e apresentar essa nova maneira de constituição familiar. Uma tática utilizada é a construção da imagem-semelhança entre os sujeitos. A mãe biológica e a mãe substituta vestem as mesmas roupas e aparecem juntas nas imagens (Figura 1). Além de os sujeitos estarem usando roupas com o mesmo tecido e cores, a semelhança física entre as mães causa confusão no leitor, pois parecem ser a mesma pessoa. Desse modo, a gestação a três é apresentada como possibilidade de formar uma família feliz e representada como formação clássica.



**Figura 1** – A nova família, representada pela mídia escrita como “MÃEDRINHA: Fabiana emprestou o útero para a irmã”

**Fonte:** Correio de Gravataí - Diário de Cachoerinha 2016 mar 28; p.5 Créditos Diléia Fonza.<sup>17</sup>

Tal concepção familiar vem sendo reinventada conforme determinadas condições socioculturais e possibilidades tecnológicas, e a paternidade e maternidade também passam por esse processo. Essa nova reconfiguração das formas e maneiras de viver a gestação permitem a constituição de famílias de pai ou mãe solteiros, homoafetivas ou heteroafetivas felizes, conforme observamos nos excertos seguintes:

*Você está grávida, só que não está. [...] Estava vivendo aquele turbilhão. Não dá pra dizer “ah, que normal”. Não é normal, é viável (ME4).<sup>15</sup>*

*Uma vez por mês [Tetê Ribeiro] recebia um boletim com a situação de Vanita e dos bebês. Levava ao meu obstetra, e ele me dizia o que aquilo (exames de sangue, ultrassons) significava.<sup>5</sup> (ME13).<sup>22</sup>*

*Quando o resultado dos exames da minha mãe comprovou que ela poderia gerar a criança, conversamos com o meu pai... Depois, começamos a procurar por uma doadora de óvulos aqui no Brasil. Tentamos dois embriões, um com o sêmen do Julien e o outro com o meu. Só um deu certo, mas a gente não sabe de quem é. E não pretendemos saber. O filho é nosso. (ME12).<sup>6</sup>*

Além de agilizar/facilitar o sonho de ser mãe e/ou pai e ter uma família, a gestação de substituição proporciona outros momentos prazerosos, tais com vivenciar a gravidez e os preparos para receber o bebê, dentre eles o chá de fralda (Figura 2), incluindo os casais nos rituais e ideais de família tradicional. Os enunciados e as imagens evidenciam tal apontamento:

*À distância, Gabriela comprou roupinhas para Martin e Pilar, montou o quarto e organizou um chá de fralda (ME4).<sup>15</sup>*



**Figura 2** – O chá de fraldas, representado pela mídia escrito como “**FAMÍLIA: avós e tias aguardam a chegada da princesa**”

**Fonte:** Correio de Gravataí - Diário de Cachoeirinha  
2016 mar 31; p.5 Créditos Diléia Fronza.<sup>20</sup>

As mídias escritas demonstram que mães biológicas e substitutas participam da gestação, vão juntas às consultas médicas ou levam os exames para seu médico analisar, porém dividem os papéis maternos. Às mães substitutas, cabe gestar, e, às mães biológicas, cabem outros papéis, uma vez que os discursos determinam que a mãe biológica deve controlar, cuidar e vigiar a mãe substituta.

*O bebê é muito paparicado e Fabiana (mãe substituta) fiscalizada por toda a família (ME8).<sup>19</sup>*

Após o nascimento, esta mãe dedica seus cuidados para o bebê e tornar-se fundamental para sua sobrevivência. Assim, as mídias escritas propõem modos para mães biológicas vivenciarem a maternidade e “provarem” que amam, que serão excelentes mães, mesmo não tendo gestado seus filhos. Para tanto, algumas mães biológicas realizam tratamento hormonal para estimular a produção de leite materno que possibilita amamentar seu bebê, conforme afirmam os enunciados a seguir:

*Talita está tomando hormônios para estimular a amamentação (ME3).<sup>14</sup>*

*Estou tomando medicamentos para estimular a produção de leite e graças a Deus estou conseguindo amamentar minha filha. É uma sensação maravilhosa, indescritível, afirmou Talita (ME2).<sup>13</sup>*

Outra questão é a divisão do que parecia indivisível há alguns anos, a possibilidade de cuidados no puerpério em duas mulheres e apenas uma gestação. O pós-parto imediato é reproduzido pela imagem (Figura 3) da mãe biológica feliz e realizada, sentada em uma poltrona de hospital, dando a entender que participou do processo do parto e está amamentando e contando com o apoio do pai para exercer essa função, que pode ser observado nas imagens e excertos:



**Figura 3** – A amamentação, representada pela família mídia escrita “FAMINTA: logo após nascer, Lavínia foi conduzida para os braços de Vanessa para ser amamentada enquanto o pai babava”.

**Fonte:** Correio de Gravataí - Diário de Cachoeirinha 2016 Abr 8-9; p.10 Créditos Diléia Fonza (ME21).

*Depois que Lavínia nasceu, ela foi para o colo do pai e da mãe para fazer o que é chamado de pele a pele quando o bebê tem contato com os pais para se conhecerem (ME10).<sup>21</sup>*

*Não tenho nenhum tipo de problema com o fato de elas não terem nascido de dentro de mim. Me sinto 100% mãe, nem lembro mais que não foram geradas na minha barriga! (ME 13).<sup>22</sup>*

As mídias apresentam o amor materno possível na gestação de substituição. Eles reforçam o imaginário de que mãe é uma só e insubstituível, já que as mães biológicas, mesmo que não tenham gestado seus filhos, conseguem amá-los e construir o vínculo com a criança que foi gestada pela mãe substituta.

## DISCUSSÃO

Desde a metade do século passado, novas tecnologias reprodutivas têm transformado nossa maneira de pensar sobre a cisão entre natureza e cultura, “com o progresso da genética é possível imaginar inúmeras famílias”.<sup>24:53</sup> No entanto, a visão clássica de família, em grande parte reforçada pela cultura midiática, tem como público de consumo pessoas heteronormativas, um cliente patrocinador, que aspiram a um ideário da família nos moldes tradicionais.<sup>25</sup>

Ao analisar as mídias escritas, parece haver, por parte dessas, a defesa da gestação de substituição, já que, em seus enunciados, procuram destacar a rapidez e a eficiência em solucionar o problema da dificuldade de gestar. Em um primeiro momento, os enunciados parecem mostrar as dificuldades que o casal deve passar, antes de tentar a gestação de substituição. Sugerem que, somente depois de determinadas etapas, o casal estaria, então, liberado para a gestação de substituição. Logo em seguida, os discursos da mídia parecem desencorajar os casais a tentarem a adoção, uma vez que apontam as dificuldades e a longa fila de espera para ter um filho desse modo. No final, a gestação de substituição aparece como alternativa mais adequada, prática, ágil e rápida, e, além disso, permitiria o planejamento e a organização da vida do casal. Tal jogo enunciativo faz aparecer a gestação de substituição como um objeto específico e paradoxal, como um objeto que os homens produzem, manipulam, utilizam, transformam, trocam, combinam, decompõem, recompõem e eventualmente destroem.<sup>11</sup>

Ao usar a tática da construção de imagem-semelhança entre pai, mãe biológica e mãe substituta, a mídia tenta transmitir a ideia de gestação a três como habitual e dessa maneira vai naturalizando tal prática.<sup>26</sup> Essa nova modalidade de família reflete as mudanças históricas que ocorreram na sociedade, inspirando novos núcleos familiares, distantes daqueles modelos de família considerados tradicionais e padronizados.<sup>25</sup> Tal estereótipo familiar, com filhos, pai e mãe, está em constante transformação na composição/organização das relações familiares, uma vez que o saber médico sanitário estabelece possibilidades para o alcance da família desejada. Assim, casais inférteis emergiram no espaço da família genética, obrigando-nos a repensar tal constituição familiar.

Outra maneira de naturalizar a gestação de substituição é anunciar que a mãe biológica pode amamentar. Uma vez que tais mídias procuram demonstrar que papéis atribuídos à mãe por suas características biológicas podem ser vividos, os discursos científico-biológicos ganham amplitude e força, tornando-se verdades sobre o processo de formação das masculinidades e feminilidades.<sup>27</sup> Tais discursos nada mais são do que a reverberação de uma verdade nascendo diante dos nossos olhos; e, quando tudo pode ser dito a propósito de tudo, as coisas podem voltar à interioridade silenciosa do sujeito e da consciência de si.<sup>10</sup>

Por outro lado, os estudos de gênero consideram que, a partir do século XVII, houve uma construção social do tipo de mãe que conhecemos.<sup>28</sup> Este nada mais é que atos performativos, e essas performances podem se manifestar em qualquer corpo, desvinculando-se, portanto, da tradição que atrela inexoravelmente corpo a gênero. O corpo, neste estatuto, não seria apenas algo natural, mas uma superfície politicamente regulada.<sup>29</sup> Assim, “o exercício da maternidade não é um fenômeno determinado pela natureza, mas sim uma prática cultural que depende de aprendizado. As mulheres não nascem mães, mas aprendem a ser mães de diferentes maneiras”.<sup>30:97</sup>

Dessa forma, entendemos que os discursos da mídia ensinam modos de ser mãe, destacando atividades que devem ser cumpridas durante o período de espera do bebê e após seu nascimento. Assim, é aconselhada/recomendada a realização do chá de fraldas durante o período de gestação, sugerido o aleitamento materno após o nascimento de modo que a mulher assuma os papéis maternos socialmente constituídos. “O ritual define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso [...]”.<sup>7:39</sup> Tais rituais são evidenciados nos enunciados da mídia quando apresentam a mãe biológica vivenciando a nova gestação à moda antiga. Essa mãe pode acompanhar exames, controlar a alimentação, comprar o enxoval e até fazer um chá de fralda. Assim, os artefatos midiáticos reforçam a essencialização da mulher como responsável pela maternidade, preocupam-se em definir e regular o que é ser mãe no interior de nossa cultura.<sup>31-32</sup>

Um livro clássico sobre o tema, escrito por Elisabeth Badinter, em 1985, assinala que, na modernidade, surge uma nova mãe que aceita e assume modos e maneiras de sacrificar-se para que seu filho viva, e viva melhor, começando assim a era das provas de amor materno. A “primeira prova de amor da mãe pelo filho é a amamentação”.<sup>33:310</sup> As mídias destacam outras formas de sacrifícios maternos, apresentando mulheres que se sujeitam a tratamentos hormonais para fertilizar *in vitro* e amamentar, além disso, narram a importância da medicalização do corpo feminino para o êxito dessas tarefas maternas. Percebemos que as mães biológicas se preocupam em ocupar e exercer o papel de mãe constituído, distribuído, divulgado, defendido, reproduzido pela mídia e exercem a maternidade de modo a demonstrar todo o seu amor materno.

Assim, os enunciados produzem e sustentam sentidos sobre a mãe que ama e amamenta e, ao mesmo tempo, reforçam discursos poderosos, tais como do Ministério da Saúde que estimulam o aleitamento materno. Acredita-se que a amamentação traga benefícios psicológicos para a criança e para a mãe. Uma amamentação prazerosa, os olhos nos olhos e o contato contínuo entre mãe e filho certamente fortalecem os laços afetivos entre eles, oportunizando intimidade, troca de afeto e sentimentos de segurança e de proteção na criança e de autoconfiança e de realização na mulher.

Amamentação é uma forma muito especial de comunicação entre a mãe e o bebê e uma oportunidade de a criança aprender muito cedo a se comunicar com afeto e confiança.<sup>34:23</sup>

Na figura 3, podemos observar a reprodução do pós-parto imediato, em que a mãe biológica está feliz e realizada, sentada em uma poltrona de hospital. Percebemos a materialização do discurso da maternidade: a mãe amamentando e contando com o apoio do pai para exercer essa função. Neste enunciado são reproduzidos os papéis tradicionais da maternidade e paternidade, especialmente na tipificação de gênero, sendo o papel da mãe representado como figura primária e o do pai como distanciado, em uma organização e posicionamento assimétricos.<sup>35</sup> Tais efeitos de discursividade, presentes também nas políticas de Estado, estão alicerçados em competências historicamente representadas como femininas.<sup>36</sup> Destacamos que esses enunciados estão ligados a um referencial que não é constituído de coisas, de fatos, de realidade ou de seres, mas de leis de possibilidades, de regras de existência para os objetos que aí se encontram nomeados, designados ou descritos para as relações que se firmam ou se negam entre os sujeitos.<sup>11</sup>

Os discursos e enunciados procuram evidenciar a gestação de substituição como uma forma distinta de concepção do embrião; entretanto, não levam a uma forma distinta de maternidade.<sup>37</sup> Eles confirmam que o amor materno é possível na gestação de substituição, reforçando o imaginário de que mãe é uma só e insubstituível. Para tanto, procuram enfatizar que mães biológicas, mesmo que não tenham gestado seus filhos, conseguem amar e construir o vínculo com a criança que foi gestada pela mãe substituta. Dessa forma, os discursos induzem-nos a pensar que tal amor não tem as características das relações vividas na modernidade líquida, em que damos prioridade às relações em rede, que podem ser desmanchadas e tecidas com facilidade, conforme nossos desejos e impulsos.<sup>38</sup> Se, por um lado, os enunciados e discursos reforçam a ideia de que o amor materno é sólido, resistente, indestrutível e moderno, por outro, há quem o coloque sob suspeita, e, talvez, nos recusemos a pensar que o amor materno não é indefectível, porque poderíamos questionar o amor absoluto de nossa própria mãe.<sup>33</sup>

Nesse “[...]” contexto de medicalização social, medicina, tecnologia e consumo estão intrinsecamente ligados, e as tecnologias de reprodução assistida são mais um produto oferecido pelo mercado de tecnologia e serviço médico”.<sup>39:3</sup> Percebemos que ter um filho parece ser um objeto de consumo, em que os filhos são desejados pelas alegrias que proporcionam, o que nenhum outro objeto de consumo, por mais engenhoso e sofisticado que seja, pode proporcionar.<sup>38</sup>

Assim, entendemos que as táticas usadas para contar histórias de pessoas que vivenciaram a gestação de substituição possibilitam a construção de um jogo de saber-poder sobre a família e sobre os papéis de maternidade e paternidade. Nesse jogo, os enunciados vão nos ensinando como aceitar, agir, olhar, pensar, conviver e viver a gestação de substituição, reforçando discursos poderosos. Porém, acreditamos que a vontade de verdade pode ser vista como prodigiosa maquinaria destinada a contornar as verdades já contadas e ditas. Logo, nada impede que sejam recolocadas sob suspeita para que nenhuma delas siga sendo ignorada.<sup>11</sup>

Apontamos como limitações deste estudo o corpus de análise, ou seja, o uso de artefatos da mídia escrita que contavam histórias sobre gestação de substituição vivenciada por brasileiros, de modo que as informações não podem ser generalizadas. Em outros países os resultados podem ser outros, devido às diferenças culturais, uma vez que a mídia posiciona a família em papéis de maternidade e paternidade culturalmente construídos. Entretanto, os resultados possibilitam novas pesquisas relacionadas à temática, especialmente em relação aos cuidados de enfermagem que poderiam ser prestados para essa nova modalidade de gestação e constituição familiar.

## CONCLUSÃO

Os discursos da mídia posicionam pais e mães biológicos para que vivenciem a gestação de substituição exercendo papéis de maternidade e paternidade culturalmente constituídos. Para tanto, ensinam comportamentos que produzem um arquivo de modos de ser mãe e pai e de viver a gestação de substituição. Dessa maneira, reforçam a imagem da mulher que ama esse filho incondicionalmente, mesmo sem ter gestado, e reafirmam a ideia de amor materno sólido e indefectível. Com isso, reproduzem e intensificam o papel materno instituído pelas políticas públicas de saúde.

Outra forma de posicionar a família nos papéis tradicionais de maternidade e paternidade é destacando a possibilidade de viver uma gestação de acordo com as normas, quando demonstram os pais vivenciando rituais de chá de fralda, álbum de gestação, amamentação e organização do enxoval. Nesse contexto, as mídias procuram enfatizar a felicidade dos pais e mães biológicos durante a gestação, demonstrando que tal gestação pode ser vivida de forma natural e aceita socialmente, portanto esse novo arranjo familiar é possível e feliz.

Por outro lado, as reportagens e livros omitem os conflitos e dilemas vividos durante a gestação de substituição, especialmente as angústias e inseguranças de ter um filho gestado em outro ventre. Omitir essas preocupações fazem parte do discurso, ou seja, o não dito é uma técnica que é usada para constituir a representação da maternidade e paternidade de forma romântica.

Cuidar dessas mulheres, dessas mães, desses corpos, dessa família, desde o período que antecede a gestação até o puerpério, é um dos desafios para a enfermeira e para a equipe multiprofissional. A gestação de substituição pode trazer tristeza, depressão e luto para a mãe biológica, pois ela pode vivenciar o luto pela perda do bebê idealizado que foi gestado em outro corpo. Achamos importante a equipe multiprofissional estar atenta a esses sinais para construção do plano de cuidado dessa mulher. Assim, consideramos importante que se discuta o quê, como, com quem e quais cuidados devem ser abordados nas consultas de puerpério, tanto para a mãe biológica como para a mãe substituta.

Ao longo da análise observamos que as mídias procuraram destacar os papéis de pai e mãe biológicos, dando visibilidade a esses sujeitos. Com isso, identificamos questões que permitiram o desenvolvimento de novas pesquisas sobre gestação de substituição, especialmente pesquisar sobre as mães substitutas e suas angústias durante a gestação. Outra possibilidade seria pesquisar as adversidades vividas por pais e mães durante a gestação de substituição, buscando representá-la de maneira menos romântica.

Portanto, acreditamos que devemos (re)pensar, tencionar nossas práticas, pois a gestação de substituição pode acarretar complicações e constrangimentos para a mãe substituta que não amamentará, principalmente por causa da diminuição da produção de ocitocina, prejudicando sua involução uterina no período pós-parto. Ao finalizar, destacamos que, nesse contexto, é importante atualizar, (re)inventar, (re)significar os ensinamentos, o acolhimento e a assistência de enfermagem para essas mulheres e para as novas famílias, tendo em vista as possibilidades que as novas tecnologias vêm impondo ao corpo.

## REFERÊNCIAS

1. Lino TR, Mayorga C. As mulheres como sujeitos da ciência: uma análise da participação das mulheres na ciência moderna. *Saúde & Transformação Social* [Internet]. 2016 Jan-Dez [acesso 2018 Ago 22];7(3):96-107. Disponível em: <http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/saudeetransformacao/article/view/4239>

2. Afonso P. A gestação por substituição e a lacuna normativa no Brasil. *Âmbito Jurídico* [Internet]. 2016 Mar [acesso 2017 Out 02];14(146):1-7. Disponível em: [http://ambitojuridico.com.br/site/index.php/%3C?n\\_link=revista\\_artigos\\_leitura&artigo\\_id=16990&revista\\_caderno=14](http://ambitojuridico.com.br/site/index.php/%3C?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=16990&revista_caderno=14)
3. Conselho Federal de Medicina (BR). Resolução n. 2168, de 21 de setembro 2017: adota as normas éticas para a utilização das técnicas de reprodução assistida - sempre em defesa do aperfeiçoamento das práticas e da observância aos princípios éticos e bioéticos que ajudam a trazer maior segurança e eficácia a tratamentos e procedimentos médico. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, 10 Nov 2017. [acesso 2018 Jan 14]; Seção 1. Disponível em: <https://www.legisweb.com.br/legislacao/?id=352362>
4. Carvalho SR, Teixeira RR. Políticas da própria vida e o futuro das práticas médicas: diálogos com Nikolas Rose (Parte 3). *Interface* [Internet]. 2017 Jan-Mar [acesso 2017 Nov 17];21(60):221-30. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/323438/1/2-s2.0-85006482272por.pdf>
5. Lopez L. Gravidez sem barriga: a saga de uma brasileira cujas filhas biológicas nasceram na Índia. *Maria Claire*. 2016 Jun [acesso 2016 Set 09];p.86-90. Disponível em: <http://revistamarieclaire.globo.com/Noticias/noticia/2016/05/gravidez-sem-barriga-saga-de-uma-brasileira-cujas-filhas-biologicas-nasceram-na-india.html>
6. Guimarães AC. Casal de homens terá filho gerado pela mãe de um deles. *O Globo*. 2016 Jun [acesso 2017 Abr 27]. Disponível em: <http://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/casal-de-homens-tera-filho-gerado-pela-mae-de-um-deles.html>
7. Ribeiro RG, Kruse MHL. O corpo da mulher em revista: o imperativo da beleza. *Texto Contexto Enfermagem* [Internet]. 2014 Jan-Mar [acesso 2018 Out 07];23(1):101-8. Disponível em: [http://www.scielo.br/pdf/tce/v23n1/pt\\_0104-0707-tce-23-01-00101.pdf](http://www.scielo.br/pdf/tce/v23n1/pt_0104-0707-tce-23-01-00101.pdf)
8. Rocha CMF. Operadores discursivos da mídia impressa: uma possibilidade de análise. In: Abreu BF, Almeida TS, Rocha CMF. *Mídia impressa para além do bem e do mal: estudos sobre revistas*. Jundiaí: Paco; 2012. p.194-201.
9. Medeiros CS. O discurso da inclusão pela diferença na relação mídia e sociedade. In: Ferreira EL, Orlandi E. *Discursos sobre inclusão*. Intertexto [Internet]. 2014 [acesso 2016 Nov 16];p.51-88. Disponível em: [http://www.ngime.ufjf.br/especializacao/wp-content/themes/especializacao/discursos\\_sobre\\_inclusao.pdf](http://www.ngime.ufjf.br/especializacao/wp-content/themes/especializacao/discursos_sobre_inclusao.pdf)
10. Foucault M. *A ordem do discurso*. 7a ed. São Paulo: Loyola; 2013.
11. Foucault M. *A arqueologia do saber (1926-1984)*. 8a ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 2012.
12. Araújo H. "Barriga de aluguel", avó vai dar à luz a neta na cidade de Franca (SP). *Folha de São Paulo On-line*. 2010 Set 28 [acesso 2016 Out 10]. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ribeirao/ri2809201001.html>
13. Collucci C. "Minha mãe me deu a vida duas vezes", diz mãe de menina gestada pela avó. *Folha de São Paulo On-line*. 2010 Set 29 [acesso 2016 Out 10]. Disponível em: <http://m.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2010/09/806386-minha-mae-me-deu-a-vida-duas-vezes-diz-mae-de-menina-gestada-pela-avo.shtml>
14. Araújo H. Avó que gerou a própria neta recebe alta. *Folha de São Paulo On-line*. 2010 Out 10 [acesso 2016 Out 10]. Disponível em: <http://m.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2010/10/807779-avo-que-gerou-a-propria-neta-recebe-alta.shtml>
15. Rosso L. Barriga solidária em Porto alegre permite que pernambucana realize o desejo de ser mãe. *Zero Hora*. 2015 Set 23 [acesso 2017 Abr 27]. Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/vida/noticia/2015/09/barriga-solidaria-de-porto-alegre-permite-que-pernambucana-realize-desejo-de-ser-mae-4853803.html>

16. Rosa AP, Pompermaier LB. Gerando amor: uma jornada de barriga de aluguel. São Paulo: Scortecci; 2015.
17. Fronza D. Lavínia, o nome do amor. Correio de Gravataí; Diário de Cachoeirinha. 2016 Mar 28 [acesso 2016 Nov 20];p.5. Disponível em: [https://www.correiogravatai.com.br/\\_conteudo/2016/03/noticias/regiao/301771-lavinia-o-nome-do-amor.html](https://www.correiogravatai.com.br/_conteudo/2016/03/noticias/regiao/301771-lavinia-o-nome-do-amor.html)
18. Fronza D. Como tudo se tornou possível. Correio de Gravataí; Diário de Cachoeirinha. 2016 Mar 29 [acesso 2016 Nov 20];p.6. Disponível em: [https://www.correiogravatai.com.br/\\_conteudo/2016/03/noticias/regiao/302450-como-foi-o-processo-para-a--fada-madrinha--de-vanessa-poder-gerar-lavinia.html](https://www.correiogravatai.com.br/_conteudo/2016/03/noticias/regiao/302450-como-foi-o-processo-para-a--fada-madrinha--de-vanessa-poder-gerar-lavinia.html)
19. Fronza D. A espera por Lavínia: bebê que tem uma fada madrinha está chegando. Correio de Gravataí; Diário de Cachoeirinha. 2016 Mar 31 [acesso 2016 Nov 20]. Disponível em: [https://www.diariocachoeirinha.com.br/\\_conteudo/2016/03/noticias/regiao/303201-a-espera-por-lavinia-bebe-que-tem-uma-fada-madrinha-esta-chegando-ao-fim.html](https://www.diariocachoeirinha.com.br/_conteudo/2016/03/noticias/regiao/303201-a-espera-por-lavinia-bebe-que-tem-uma-fada-madrinha-esta-chegando-ao-fim.html)
20. Fronza D. Ela está quase chegando. Correio de Gravataí; Diário de Cachoeirinha. 2016 Mar 31 [acesso 2016 Nov 20];p.5. Disponível em: [https://www.jornaldegramado.com.br/\\_conteudo/2016/03/noticias/regiao/304050-saiba-como-esta-a-preparacao-e-a-expectativa-para-a-chegada-de-lavinia.html](https://www.jornaldegramado.com.br/_conteudo/2016/03/noticias/regiao/304050-saiba-como-esta-a-preparacao-e-a-expectativa-para-a-chegada-de-lavinia.html)
21. Fronza D. Da fada-madrinha para a mãe: nasce a Lavínia. Correio de Gravataí; Diário de Cachoeirinha. 2016 Abr 8-9 [acesso 2016 Nov 20];p.10. Disponível em: [https://www.jornalnh.com.br/\\_conteudo/2016/04/noticias/regiao/308151-da-barriga-solidaria-aos-bracos-da-mae-nasce-a-menina-lavinia.html](https://www.jornalnh.com.br/_conteudo/2016/04/noticias/regiao/308151-da-barriga-solidaria-aos-bracos-da-mae-nasce-a-menina-lavinia.html)
22. Ribeiro T. Minhas duas meninas. São Paulo: Companhia das Letras; 2016.
23. Brasil. Lei n 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, 20 fev 1998. [acesso 2018 Jan 06];Seção 1. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9610.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9610.htm)
24. Derrida J, Roudinesco E. De que amanhã. Rio de Janeiro: Zahar; 2004.
25. Oliveira Junior IB, Moraes DAF, Coimbra RM. Família “margarina”: as estereotipias de famílias na indústria cultural e a des/re/construção de conceitos docentes. HISTEDBR On-line [Internet]. 2015 Set [acesso 2016 Nov 09];15(64): 266-79. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8641941>
26. Machado SR. Entre Foucault e a antropologia: “verdade” e “relação” em dialogia com o pós-estruturalismo antropológico. Revista Eletrônica de Ciências Sociais [Internet]. 2016 Jul-Dez [acesso 2018 Jan 10];22(1):138-59. Disponível em: <https://csonline.ufjf.emnuvens.com.br/csonline/article/viewFile/2745/1688>
27. Freitas LM, Chaves SN. Desnaturalizando os Gêneros: uma análise dos discursos biológicos. Revista Ensaio [Internet]. 2013 Set-Dez [acesso 2018 Fev 20];15(3):131-48. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epec/v15n3/1983-2117-epec-15-03-00131.pdf>
28. De La Cruz AMA, Uziel AP. Transformações sociais e culturais da família: considerações iniciais a partir de um caso. Conexões Psi [Internet]. 2014 Jan-Jun [acesso 2018 Fev 20];2(1):57-83. Disponível em: <http://apl.unisuam.edu.br/revistas/index.php/conexoespsi/article/view/315>
29. Butler J. Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do sexo. In: Louro GL. O corpo educado: pedagogias da sexualidade Belo Horizonte: Autêntica; 2000. [acesso 2018 Mar 18];p.151-70. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/1230/Guacira-Lopes-Louro-O-Corpo-Educado-pdf-rev.pdf?sequence=1>

30. Lima ALG, Vicente BC. Os conhecimentos sobre a maternidade e a experiência da maternidade: uma análise de discursos. *Estilos da Clínica* [Internet]. 2016 Abr [acesso 2018 Mar 02];21(1):96-113. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v21i1p96-113>
31. Ferreira RV, Costa MR, Melo DCS. Planejamento familiar: gênero e significados. *Textos & Contextos* [Internet]. 2014 Jul-Dez [acesso 2018 Mar 10];13(2):387-97. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.15448/1677-9509.2014.2.17277>
32. Warmling CM, Fajardo AP, Meyer DE, Bedos C. Práticas sociais de medicalização & humanização no cuidado de mulheres na gestação. *Cadernos de Saúde Pública* [Internet]. 2018 Jan [acesso 2018 Mar 10];34(4):1-10. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102311X2018000405007&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102311X2018000405007&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)
33. Badinter E. Um amor conquistado: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1985.
34. Ministério da Saúde (BR). Saúde da criança: nutrição infantil, aleitamento materno e alimentação complementar. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2015. [acesso 2017 Jun 04]. Disponível em: [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude\\_crianca\\_aleitamento\\_materno\\_cab23.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_crianca_aleitamento_materno_cab23.pdf)
35. Scott JW. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. 1995 Jul-Dez [acesso 2018 Mar 02];20(2):71-99. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>
36. Meyer DE, Klein C, Dal'Igna MC. Vulnerabilidade, gênero e políticas sociais: a feminização da inclusão social. *Estudos Feministas* [Internet]. 2014 Set-Dez [acesso 2017 Nov 01];22(3):885-904. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36751/28573>
37. Ribeiro FS. A experiência da maternidade na gravidez múltipla concebida com auxílio de técnicas de reprodução assistida. [dissertação] Porto Alegre (BR): Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Psicologia; 2012 [acesso 2017 Abr 26]. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/117113/000837434.pdf?sequence=1>
38. Bauman Z. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2004.

39. Vitule C, Couto MT, Machin R. Casais de mesmo sexo e parentalidade: um olhar sobre o uso das tecnologias reprodutivas. Interface [Internet]. 2015 [acesso 2017 Fev 23];19(55):1-18. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.1590/1807-57622014.0401>

## **NOTAS**

### **ORIGEM DO ARTIGO**

Extraído da dissertação - Quem sai aos seus não degenera? A (des)ordem na Gestação de Substituição, do Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 2017.

### **CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA**

Concepção do estudo: Viana KRF, Kruse MHL.

Coleta de dados: Viana KRF, Kruse MHL.

Análise e interpretação dos dados: Viana KRF, Kruse MHL.

Discussão dos resultados: Viana KRF, Kruse MHL.

Redação e/ou revisão crítica do conteúdo: Viana KRF, Kruse MHL.

Revisão e aprovação final da versão final: Viana KRF, Kruse MHL.

### **CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM**

As fotos utilizadas nesta pesquisa tiveram sua reprodução autorizada pela autora.

### **CONFLITO DE INTERESSES**

Informara se há ou não conflito de interesses.

### **HISTÓRICO**

Recebido: 02 de julho de 2018

Aprovado: 04 de outubro de 2018

### **AUTOR CORRESPONDENTE**

Kelly Ribeiro de Freitas Viana

[kelly.ufrgs@gmail.com](mailto:kelly.ufrgs@gmail.com)